

EDUCAÇÃO, SEXUALIDADE E O “PANTA REI” DE HERÁCLITO

Alexandre Ari Monich

Psicólogo, Pastor e Professor do Ensino Superior

E-mail: aamonich@fcj.com.br

Nélia Elaine Wahlbrink Engster

Pedagoga, Professora do Ensino Superior. Mestre em Educação e Cultura pela UDESC.

E-mail: jairo@ielusc.br

RESUMO: A sexualidade é ainda um tema maltratado. O preconceito, a moral, a religião, o tabu rondam o tema também nos dias de hoje. O tema continua entrando no currículo escolar pela porta dos fundos. Irrompe na escola muito mais nos corredores, nos banheiros e nos compartimentos secretos das mochilas e das alunas e alunos do que na discussão preparada e madura da sala de aula. Articular a educação para além do determinismo continua sendo um desafio à pedagogia. A fluidez da vida, assim como reconhecida por Heráclito, é o reconhecimento que tudo está em constante movimento. A ética que decorre daí é mais comprometida com a mudança constante do que apatia ante a temporalidade das certezas. Construir a pedagogia dentro de uma perspectiva libertadora, no dizer de Paulo Freire, donde se pressupõe a escolha histórica dos valores, remete à sexualidade enquanto tema ético na escola. A tarefa escolar é menos de apagar as pichações nas carteiras e nos banheiros e mais a capacitação de recursos materiais e humanos a articularem temas e vivências no mesmo espaço escolar. A escola pode ser um lugar de articulação. Para ser lugar de oxigenação, a escola deve discutir eticamente os conflitos que ali se manifestam.

PALAVRAS-CHAVE: Sexualidade. Moral. Educação. Escola.

EDUCATION, SEXUALITY AND “PANTA REI” BY HERÁCLICO

ABSTRACT: Sexuality is still a mistreated issue. Prejudice, moral, religion, and taboo also surround the issue nowadays. The topic continues to enter in the scholar curriculum by the back door. It emerges more in the school's corridors, restrooms and in the secret compartments of the students' backpacks than in the prepared and mature discussion in the classroom. To articulate education to go beyond determinism continues to be a challenge to pedagogy. The flow of life, so recognized by Heráclito, is the acknowledgement that everything is in constant movement. The ethic that derives from it is more committed to the constant change than the apathy in face of the temporality of certainties. To build pedagogy in a liberating perspective, in the saying of Paulo Freire, with the assumption of choosing historic values, submits to sexuality as an ethic subject in school. The school's task is less of erasing graffiti on desks and in restrooms and more to capacitate material and human resources to articulate themes and living experiences in the same school environment. Schools can be a place of articulation. In order to be a place of oxygenation, the school should discuss ethically the conflicts that manifest there.

KEYWORDS: Sexuality. Moral. Education. School.

A educação sexual é um assunto duplamente complexo. Dois temas amplos, educação e sexualidade exigem cautela do pesquisador que se depara com teorias rígidas e cambiantes. Os dois temas, além de seus aspectos conceituais, implicam a ética. Educação e sexualidade

podem ser instrumentos de doutrinação e controle, como asseguram as pesquisas de Paulo Freire (1986) de um lado e Michel Foucault (1993), de outro.

O contraste entre a nau e o mar está na rigidez de um e a maleabilidade de outro. Existe semelhante contraste, por exemplo, entre a genética e a subjetividade de um mesmo indivíduo. A genética é uma herança imutável de cada sujeito. Segundo as pesquisas genéticas, somos construídos e determinados por essa herança particular imutável. Por outro lado, teorias definem o ser humano muito mais pela subjetividade. Seríamos um animal inconcluso, sempre em construção e nunca acabado. A educação articula-se por entre esses universos contrastantes. Eixos oscilam entre programas rígidos e cambiantes. Pensar a sexualidade humana sob o olhar da educação nestas variáveis é estar no barco, pés fixos, mas sob movimento permanente.

Paulo Freire, por sua vez, escolheu os termos “Educação Bancária” e “Educação Libertadora” para explicitar dois modelos diferentes de articular a educação. A Educação Bancária parte de pressupostos rígidos, ela é resultado daquilo que se ensina. Há um conteúdo reconhecido como verdadeiro, o qual precisa ser assimilado e repetido. Por outro lado, a Educação Libertadora é o reconhecimento de que a educação é resultado de uma construção coletiva. A repetição de modelos pré-determinados é a manutenção de sistemas de dominação, nos quais os dominadores, beneficiários do sistema, esperam que os dominados, excluídos dos benefícios, obedeçam e reconheçam como tal a ordem das coisas.

A idéia que a “verdade” é algo dado, a qual precisa apenas de boa diligência para que possa ser encontrada, gera um sistema no qual os “possuidores da verdade” possuam igualmente o poder. A idéia contemporânea de constructo, na qual a verdade é sempre resultado de uma construção humana, é relativamente recente e desestabilizadora de sistemas rígidos. As teses de Althusser (1985) nos ajudaram a reconhecer o poder do Estado na manutenção do *status quo* também através da escola.

Mas há de se diferenciar o movimento. Mesmo quando o barco balança ou o entardecer esconde o sol, a fluidez é real, mas por vezes não está onde imaginávamos. Num passado recente, nós humanos criamos que o sol movimentava-se ao redor da terra. Nossa ilusão nos fez crer no aparente. Heráclito de Éfeso, filósofo do século V antes de Cristo, por outro lado, reconheceu no aparente da natureza, o segredo de sua filosofia.

Heráclito é conhecido pela filosofia do princípio do devir incessante. O fragmento encontrado revela tal princípio: “Não é possível entrar duas vezes no mesmo rio, nem tocar duas vezes uma substância mortal no mesmo estado; graças à velocidade do movimento, tudo se dispersa e se recompõe novamente, tudo vem e vai.” (apud ABBAGNANO, 2000, p.497).

Heráclito (COLEÇÃO, 1973) afirmava que “□□□□□□□□” (*panta rei*) = tudo muda. Se ele sabia ou não a proporção que tomaria tal princípio, pouco se sabe. Mas foi agudo quando assemelhou o ser ao não-ser. Heráclito aproximara o limite entre a rigidez e a fluidez. A impossibilidade de entrar no mesmo rio é quase a mesma impossibilidade de diferenciar pensamento e pensador. A rigidez do pensamento é rompida pelo movimento constante do pensador.

A teoria Bancária e Libertadora e o “panta rei” de Heráclito podem vir a ser referencial à discussão sobre a educação sexual. Existe uma confusão entre o sexuado e a sexualidade, assim como entre mulher e feminino, homem e masculino. A rigidez confortante e mantenedora do *status quo*, faz confundir e reconhecer criador onde há criatura. O ser humano como ser sexuado apresenta-se como fêmea e macho. Já o feminino e o masculino são características não capturáveis pela rigidez. O masculino não é atributo exclusivo do macho, assim como o feminino não é exclusivo de fêmea. E, antes que o preconceito nos engula, não estamos fazendo apologia da homossexualidade. Antes, reconhecendo que a sexualidade é “panta rei”.

A educação rígida oferece como acabado o produto da sexualidade. O assunto é reconhecido como conhecido, capturado, no dizer de Jorge Larrosa. A pedagogia, segundo Larrosa, por vezes deixa-se iludir pelo saber. É como se desconhecesse que o saber é uma construção. E, assim como a infância, na escola por vezes é um tema “tão” conhecido, a criança já não consegue ser outra do que aquela capturada pelo saber já produzido.

Não obstante, e ao mesmo tempo, a infância é um outro: aquilo que, sempre além de qualquer tentativa de captura, inquieta a segurança de nossos saberes, questiona o poder de nossas práticas e abre um vazio em que se abisma o edifício bem construído de nossas instituições de acolhimento. Pensar a infância como um outro é, justamente, pensar essa inquietação, esse questionamento e esse vazio. É insistir uma vez mais: as crianças, esses seres estranhos dos quais nada se sabe, esses seres selvagens que não compreendem nossa língua (LARROSA, 1998, p.230).

Assim com a infância, outros temas circulam pelos mesmos labirintos. A sexualidade chega à escola com contornos estruturados. Muitas vezes, o tema ganha contornos rígidos por discursos que se valem da biologia, da medicina, da religião para impor comportamentos, donde conclui-se, cartesianamente, o que é natural e normal, o que é anormal, bizarro, doentio. A educação rígida perde-se no movimento. A fluência da sexualidade é outra da fluidez da concepção. Ou seja, o reprimido retorna.

As pesquisas sobre a sexualidade na escola, tanto como tema quanto como construção, vêm tomando corpo. Guacira Louro Lopes tem publicado suas pesquisas sobre o tema da sexualidade nas escolas. No livro “O corpo educado – pedagogias da sexualidade”, escreve sobre a sexualidade como construção no espaço escolar. Segundo suas pesquisas, seria possível afirmar que tanto a escola como também a mídia, a igreja, a lei, a medicina e outras instâncias sociais exercitam, cotidianamente, pedagogias da sexualidade. Ou seja, essas instâncias impõem uma linguagem socialmente sitiada que diz: sobre o que falar e sobre o que silenciar; o que mostrar e o que esconder; quem pode falar e quem deve ser silenciado. Guacira Louro segue a lógica proposta por Foucault em ruptura com as tradições da *ars erotica*, nossa sociedade constituiu uma *scientia sexualis*. Mais precisamente, atribuiu-se a tarefa de produzir discursos verdadeiros sobre o sexo, e isto tentando ajustar, não sem dificuldade, o antigo procedimento da confissão às regras do discurso científico (FOUCAULT, 1993, p.66).

Um tema proposto pelos estudos acerca da sexualidade é a questão de gênero. A confusão entre masculino e macho, homem, fez com que Caetano cantasse o “Super-homem”, reconhecendo sua feminilidade como a melhor parte de si mesmo, enquanto homem. Entretanto, muitas vezes na escola pode-se presenciar, ainda, a perseguição e ameaça, particularmente aos meninos, quanto a questões de gênero. A acusação de ser “bicha”, “veado”, ainda é a mais ofensiva das acusações. O risco de uma identidade feminina para um menino é considerado por muitos ainda como um risco de promiscuidade, de anulação. Os estereótipos são tão opressivos que levam muitos meninos e meninas a condutas rigidamente demarcadas. Roupas, cores, esportes, hábitos e trejeitos são escolhidos atenciosamente, a fim de que não se “dê armas” aos inimigos, sempre ávidos por uma brecha à humilhação.

Meninas e meninos são ameaçados nos corredores, nos banheiros, nas salas, no pátio com brincadeiras e chacotas envolvendo a sexualidade. O corpo é objeto de desejo e de desprezo, da mesma forma que as opções pessoais. As ameaças sexuais geram, por vezes, mais sofrimento aos alunos e alunas na escola que as dificuldades pedagógicas.

Consultando os Parâmetros Curriculares Nacionais, no que se refere à Orientação Sexual (1997), lê-se que a mídia informa e (des)educa; veicula imagens eróticas e incrementa a ansiedade; alimenta fantasias sexuais; moraliza e reforça preconceitos. Os manifestos perceptíveis no contexto escolar representam o currículo oculto da história de vida dos educandos. Este turbilhão de conflitos é sugestivo à abordagem do assunto no contexto escolar, rebuscando a importância de ser e viver a sexualidade dos indivíduos.

A educação formal toma, neste contexto, uma dimensão mais explícita de construção, interferência. A educação é explicitada como instrumento de poder, na medida em que define padrões, postula verdades. Educar, mesmo neste contexto, pode ter ainda uma dimensão libertadora. Pode ser sempre um ideal utópico na dimensão do sonho, do que poderá vir a ser. O vir a ser da educação remete ao fato de que pode ser um processo amplo, de transformação, atuação e inserção social.

Numa perspectiva libertadora, parte-se do postulado no qual o processo educacional pode ser emancipador. Para tal, deve possibilitar a autonomia por meio do senso crítico. A construção pedagógica precisa considerar a subjetividade, a história de vida, os interesses, as dificuldades, a sexualidade de cada sujeito. Ao mesmo tempo, permitir que a ética libertadora organize o saber e o fazer pedagógico.

A sexualidade é, sem dúvida, uma grande interferente no processo educacional dos sujeitos. Lançando mão às metáforas, ela poderia ser comparada a uma pista de corrida. Corremos por caminhos diversos. Optamos por um dentre tantos percursos possíveis. Sofremos todas as conseqüências dos desafios surgidos. A possibilidade de escolha emancipatória, bem como o suporte necessário para dar conta das conseqüências advindas, é um artefato que deve ser construído também na escola.

A educação sexual e a sexualidade de cada um têm relação estreita entre as opções que os sujeitos fazem ou querem fazer, os ensinamentos que perpassam as gerações, o trabalho desenvolvido nas instituições de ensino e o contexto vivencial. A escolha livre cobra autonomia e conhecimento. A família é, na maioria das vezes, o primeiro referencial de sexualidade que o ser humano tem. O acolhimento, a alimentação, o aconchego é circundado pela educação sexual que ali se realiza, mesmo quando não se fala abertamente sobre o assunto. Isso ocorre dentro de cada estrutura familiar, através das falas, das proibições, dos cuidados, dos gestos ou das expressões.

Os valores, tão difusos e confusos no contexto pós-moderno, apresentam-se como interferentes e até como determinantes na educação dos sujeitos. As conotações conservadora, liberal ou progressista influenciam grande parte da identidade pessoal de cada sujeito que compõe a família. Em conseqüência, surgem os vários modelos da sexualidade dentro e fora de cada núcleo familiar. Além disso, é necessário considerar a interferência do meio histórico-social na formação dos sujeitos e dos meios de formação, escola, Igreja, meios de comunicação. Por exemplo, os apelos dos meios de comunicação podem ser considerados explícitos, bastando para tanto, lembrar das revistas “G”, “Playboy” ou dos programas televisivos “Sextime”, “Casa dos Artistas” e tantos outros que, de forma declarada ou não,

denotam à mesma malícia que interferem a estruturação da sexualidade dos sujeitos. Entretanto, essas informações recebem pouco espaço para interpretação, leitura crítica e debate tanto no seio familiar quanto no círculo escolar. Por isso, a ética da escolha toma contornos complexos.

Considerar estes aspectos implica também compreender que a escola, tal qual a família, intervém de inúmeras formas na sexualidade dos educandos. Restringir o tema às aulas de ciências, discussões sobre o aparelho reprodutivo e doenças sexualmente transmissíveis é evitar o “panta rei” e dar vez à pedagogia bancária. A sexualidade supõe curiosidade, fantasia e erotismo também, mas, sobretudo, a vivência destes aspectos, pois ainda dicotomizamos o corpo e a mente. Como sujeitos sexuais, o ser humano se constitui a partir do corpo. Relacionar a sexualidade com a história de vida dos sujeitos poderá ser um processo lento de desmistificação da mesma. A quebra de paradigmas tradicionais e rígidos urge como necessária e pode ser comparada à ausência ou à presença das cores, como no filme “*A vida em preto e branco*” (PLEASANTVILLE, 1998).

O filme constrói a interferência das cores dentro do contexto temporal e cultural. A repressão persiste aos movimentos de libertação, deixando clara a dominação de um sistema estruturado com vistas a inibir manifestações de alegria, de prazer, de satisfação; no caso, representadas pelas demais cores. As pessoas são envolvidas em contextos que apresentam paradigmas capazes de tolher a identidade pessoal e coletiva.

Estariamos imersos num contexto no qual tudo é colorido aos extremos?! Para os adolescentes e adultos modernos, o contexto acima descrito é “colorido”, cheio de emoções e possibilidades de extrapolar o que está convencionado em paradigmas pré-existentes. Por outro lado, vivemos imersos num mundo profundamente fragmentado, no qual o saber e o fazer não nos implicam. Vítimas do saber e do fazer alheio, os estudantes vivem iludidos. Crêem estar vivendo um tempo colorido, mas vivem apenas em *preto e branco*.

Os paradigmas concebidos num determinado contexto podem se manter ou se quebrar, com base, principalmente, na história de vida de cada um ou de um grupo determinado. A metáfora das cores usada no filme “*A vida em preto e branco*” nos conduz a uma reflexão sobre a corporeidade e a felicidade expressa pelas cores quando o prazer é descoberto. Porém, não está desvinculada da reflexão sobre a submissão do sexo feminino ao sexo masculino, nem tampouco da inibição do desejo e da inibição sexual. O grande desvelamento do cenário em *preto e branco* se dá quando pessoas, construtos de suas histórias, encontram caminhos para realizar seus desejos e sentir prazer, das mais variadas formas.

Educar pode ser sonho, ousadia e construção permanente. Chaplin, ator em preto e branco, sonhou, ousou e nos fez crer no colorido da vida. Como filhos e filhas de um tempo no qual exigimos que haja mais cores, somos parte de uma geração beneficiada por lutas de outros e noutros tempos. Parece que experimentamos o benefício sem o sacrifício. Talvez por isso, o sabor da cor não tenha ainda o mesmo sentido.

Longe de um cômodo conforto boreal, nosso tempo prefere esconder cores e festejar oposições. Tons que se sobrepõe impedindo o aparecimento das diversas possibilidades. Cabe-nos o arrojo e a disposição de pintar, um exercício que exige muito mais do pintor do que das ferramentas que ele dispõe. Assumir nosso desejo e as conseqüências decorrentes é o que faz colorida mesmo uma tela em branco e preto. Esse é também o desafio da educação sexual nas escolas.

A sexualidade é tema transversal (PCNs: apresentação dos Temas Transversais, 1997), ou seja, de acordo com os PCNs é um assunto que deve perpassar por todas as áreas tradicionais (geografia, história, matemática, etc.) do Ensino Básico. Exige mais da pedagogia que ela mesma neste momento parece poder lhe atribuir. Repensar o tema da sexualidade na escola é não confundir os movimentos. A fluidez do tema permite articular-se uma pedagogia calcada numa ética que prefere que sejam construídas cores num contexto alvinegro.

Panta rei pode vir a ser ética que permite que venha o novo, o próprio, o desejado, pois "o ser é tão pouco como o não-ser; o devir é e também não é". Isso exigirá habilidade para romper saberes por demais sabidos. Articular-se sobre o que existe, enquanto construído, e igualmente sobre o que ainda pode vir a ser, como possibilidade, que exigirá, além de vontade, esforço e ética capaz de conviver com o que existe sem impedir que surja a cada instante outro. O saber como construção permite que se veja o novo sempre de novo. E que se diga outra vez, de outro jeito o que já se disse. Ou como articula Larrosa, se diga de novo e de novo: diga.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ADORNO, Theodor W. *Educação e emancipação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos Ideológicos do Estado*: Nota sobre os Aparelhos Ideológicos de Estado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

ASSMANN, Hugo. *Paradigmas educacionais e corporeidade*. 3 ed. Piracicaba: UNIMEP, 1995.

COLEÇÃO Os Pensadores: *Os Pré-socráticos*. São Paulo: Abril Cultural, vol. I. 1973.

_____. *Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendente*. Petrópolis: Vozes. 1998.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 16 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

_____. *Pedagogia da autonomia*. 6 ed. Paz e Terra: São Paulo, 1997.

_____. *Pedagogia da esperança: um encontro com a pedagogia do oprimido*. 3 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1994.

PCNs: orientação Sexual. Secretaria de Educação Fundamental, Brasília, MEC/SEF, 1997.

PCNs: apresentação dos Temas Transversais. Secretaria de Educação Fundamental, Brasília, MEC/SEF, 1997.

PLEASANTVILLE – A vida em preto e branco. Direção Gary Ross, EUA: Warner Bros, 1998.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A Vontade de Saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

LARROSA, Jorge. *Pedagogia Profana*; danças, piruetas e mascaradas. Porto Alegre, RS: Contrabando, 1998.

LOURO, Guacira Lopes (org.) *O corpo educado* – pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

NUNES, Cesar. *Desvendando a sexualidade*. Campinas: Papyrus, 1987.

WUSTHOF, R. *Descobrir o sexo*. Série Jovem Hoje. São Paulo: Ática, 1998.

Recebido: Setembro/2003
Aprovado: Julho/2007